

DELEUZE, G & GUATTARI, F.

O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto A. Munoz. RJ: Ed. 34, 288p.

Como tornar novo um velho indagar? Como superar a fluidez sempre presente da resposta sobre o que vem a ser a filosofia? É a preocupação com o estatuto da filosofia que faz com que se indague a cada momento o que ela tem de presente sempre: a velhice parece ser o momento ideal para se pôr a questão, simplesmente porque ela se impõe.

G. Deleuze e F. Guattari respondem à questão sobre o sentido da filosofia a partir do lugar que ela ocupa no caos. Na primeira seção do livro, a *Filosofia* é simplesmente posta em questão. Cabe à filosofia formar, inventar, fabricar conceitos - isto é exclusividade sua - e ao filósofo criar desconfiando do recebido. Aliás, a filosofia é grega por que é na Grécia que se instala o ambiente onde os amigos são rivais (*agôn*), polemizam e criam.

O conceito é o objeto mesmo da filosofia. Ele é o ponto de condensação de seus próprios componentes; diz o acontecimento, não a essência. Não é discursivo, não encadeia proposições, tem horror à discussão. Para Deleuze e Guattari ao filósofo não cabe discutir, pois nunca se fala da *mesma* coisa; ele tem pavor a discussões, pois ela atrasa o processo.

Filosofar é traçar um plano sobre o caos. O plano é o lugar onde são erguidos os conceitos, "é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar" (52). A filosofia cria conceito e plano, o primeiro é seu começo e o segundo sua instauração. O plano é envolto por ilusões: a ilusão de transcendência, procurada na imanência; a ilusão dos universais, quando se confunde o conceito com o plano; a ilusão do eterno, quando se esquece da criação; e a já sugerida ilusão de discursividade, quando se confunde conceitos com proposições. O plano é viés, é seleção do caos; o não pensado no pensamento, mas

o mostrado por ele, a sua imagem. Não falta comunicação, segundo eles, o que falta é "resistência ao presente" (140).

O pensamento é do que trata a filósofa. Indagar sobre o seu significado equivale a indagar sobre o sentido do pensamento, do guiar-se com ele. Pensar é traçar um plano de imanência que absorve a terra, se conecta a ela, em outra via, pelo *meio social*. Esta última conexão é a *utopia*: junta a filosofia à sua época, mas é também desterritorialização absoluta. E a filosofia se reterritorializa sobre o conceito, este não como um objeto, mas como um território. O conceito, enquanto devir duplo, cruzamento de desterritorialização e reterritorialização, constitui a geo-filosofia, é mais geográfico que histórico, "substitui a genealogia por uma geologia" (61). A filosofia não é simples devir, é movimento de ocupação do lugar, que se projeta e se reconstitui: é extensão e distensão. Ela consiste basicamente em estender uma ordem sobre o caos.

É uma ordem particular, um modo próprio de ordenar, agrupar, entrecruzar por conceitos os elementos do caos, mas não se confunde com a ciência lógica ou a arte. É nessa segunda parte do livro - *Filosofia, Ciência Lógica e Arte* - "Os conceitos filosóficos serão funções do vivido, como os conceitos científicos são funções de estados de coisas" (185), mas não se dá a referência imediata ao vivido: o conceito é o acontecimento como puro sentido que percorre imediatamente os componentes. Na relação do conceito com o vivido, os filósofos se vêem em dificuldade para escapar da *doxa*. A opinião "quer" intermediar conceito e vivido e é essa a dificuldade na qual ela mergulha o filósofo. A opinião é política, fala em nome da vontade da maioria: aí se consome a filósofa da comunicação, "na procura de uma opinião universal liberal como consenso, sob o qual encontramos as percepções e afecções cínicas do capitalista em pessoa" (191).

À ciência cabe constituir a, *função*, à arte a *composição* e à filosofia cabe a *criação do conceito* (os conceitos são irreduzíveis às funções - do vivido, científica ou lógica). A ciência põe em evidência o caos, no qual mergulha o próprio cérebro, enquanto sujeito do conhecimento; renuncia ao infinito para ganhar a referência. A arte quer criar o finito para restituir o infinito. A filosofia quer dar consistência ao infinito. "O problema da filósofa é de adquirir uma consistência, sem

perder o infinito no qual o pensamento mergulha... é muito diferente do problema da ciência que procura dar referências ao caos, sob a condição de renunciar aos movimentos e velocidades infinitos, e de operar, desde início, uma limitação da velocidade" (59). A ciência, ao contrário da filosofia, sacrifica o devir em nome da fixação de estados de coisas.

A arte, a ciência e a filosofia traçam planos sobre o caos. Dele o filósofo traz *variações*, o cientista *variáveis* e o artista *variedades*. A arte luta com o caos para torná-lo sensível, mas também luta contra a opinião. A ciência quer dominar o caos, mas também se sente atraída por ele, forma um "caos referido": a Natureza. A filósofa dá consistência conceptual ao seu recorte do caos. "Os três planos são tão irredutíveis quanto seus elementos: *plano de imanência da filosofia, plano de composição da arte, plano de referência ou de coordenação da ciência*" (277), pois as interferências se dão num plano externo, uma vez que cada uma permanece em seu próprio plano.

Definir a filósofa a partir da explicitação do seu papel e seu lugar no *caos*, diferindo seu viés do científico e artístico, parece ser o plano sobre o qual se ergue esta obra. Por outro lado, entender o filósofo como o "conceito em potência" o coloca numa proximidade intensa da criação e da coordenação, da arte e da ciência. A dupla de autores compõem o conceito de filosofia em torno do processo de criação do conceito, da instauração de uma ordem no caos: a filosofia, para eles, não pode ser confundida com a opinião, espaço da discursividade, da comunicação - ele deve resistir a ela; não pode ser confundido conceito com função, pois isto faria da ciência o conceito por excelência; uma geo-filosofia não pode ser presa estática da não-criação, do território, simplesmente. A filosofia é devir revolucionário.

Como quem sempre tentou estabelecer o "estatuto" da filosofia, Deleuze e Guattari assumem uma posição que se opõe, inevitavelmente, a tantas outras. Todavia, o livro **O que é a Filosofia?** é um convite agradável, malgrado certo grau de dificuldade, criativo e intenso, para que a questão seja posta intencionalmente.

Adriano Correia SILVA
Mestrando em Filosofia/PUCC
Bolsista Capes